

Paniel Reyes Cárdenas, *Scholastic Realism: A Key to Understanding Peirce's Philosophy*. (Peter Lang Verlag, 2018). ISBN: 978-1-78707-546-7. 238 pp.

Até quando poderia a comunidade lusófona de leitores continuar privada de uma recensão de *Scholastic Realism: A Key to Understanding Peirce's Philosophy* (doravante *SR*), da autoria de Paniel Reyes Cárdenas (doravante RC)? RC é um investigador que se dedica a uma série de linhas temáticas que vão desde a área da semiótica geral até às éticas do cuidado, tão caras ao Instituto de Estudos Filosóficos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Acresce a isto que RC é professor titular de Filosofia da Linguagem e Filosofia Medieval na Universidade Popular Autónoma do Estado de Puebla e membro do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia do Governo do México.

Publicada sob o selo da Peter Lang em 2018, *SR* promete de antemão resolver o quebra-cabeças que é explicar como é que Charles S. Peirce foi capaz de harmonizar, de um ponto de vista doutrinal, a complexidade da sua prolífica — seja-nos permitido não esquecer que o corpo documental ativo peirceano comporta aproximadamente uma centena de milhares de páginas — produção filosófica. Dito de forma diferente, o autor não só nos assegura haver um fio que conduz o pragmatismo filosófico de Peirce no seu conjunto a uma unidade, como também nos garante que o revelará. A chave, conforme o título estabelece à partida, está na formulação que Peirce apresenta de uma doutrina realista, a qual RC diz poder verificar-se ao longo das distintas etapas da criação filosófica do norte-americano.

RC manifesta o objetivo de *SR* ao afirmar procurar entender, ao longo da obra, o motivo pelo qual o realismo de Peirce constituía para este uma interpretação viável e consequente da querela dos universais, a qual Peirce supunha perpassar toda a história da filosofia. O autor assevera ter apurado a razão disso, além do porquê de Peirce solicitar à comunidade de investigação que encare a filosofia como tratando-se de uma contenda entre nominalismo e realismo. Mais ainda, RC propõe-se proporcionar uma interpretação da realidade inteiramente original, razoável e plausível que permanecia, até à data de publicação da obra, ignorada pela comunidade dos estudos peirceanos, mas que pode sanar um grande número de incertezas que o próprio fundador da semiótica contemporânea terá sentido ao longo da sua vida.

O primeiro capítulo de *SR* incide sobre a questão de saber por que motivo o problema dos universais nos há de mover ou preocupar; o segundo está consagrado ao realismo escolástico do início da vida autoral de Peirce e ao respetivo desdobraimento; o terceiro versa sobre os sinais de uma certa perceção pragmática da realidade que o cientista do Massachusetts apresenta já na década de 1870 a propósito do funcionamento da ciência; o quarto aborda um fenómeno de amadurecimento da filosofia realista de Peirce entre as décadas de 1880 e 1890, fruto da consolidação das suas convicções em relação aos eixos das categorias do entendimento e da evolução cosmológica; o quinto dirige-se ao coração da mente de Peirce, no intuito

de tornar mais definido o sentido do seu realismo, debruçando-se agora sobre a sua orientação metafísica quanto à natureza contínua da realidade no seu conjunto, sem lacunas; o último, por fim, aproxima uma bem delineada interpretação do realismo escolástico de Peirce à sua doutrina das modalidades do Ser — isto é, a algumas das aparentemente infinitas manifestações possíveis das categorias peirceanas de *firstness*, *secondness* e *thirdness* — e à sua tardia e nem por isso menos úbere arquitetura filosófica de um sistema da cientificidade.

Todavia, a senha de acesso à alma de *SR* passa sobretudo pelo nome de Duns Escoto. A obra — dedicada a Peirce, convém frisar — lança-se ao leitor através de uma definição de metafísica e uma apresentação da história da controvérsia sobre os universais. RC faz questão de sublinhar desde muito cedo que Peirce é um nome a ser levado em muito séria conta nestas matérias; *muito séria*, diz-se com RC, fundamentalmente em virtude do seu realismo. O autor insiste, prenhe de argumentos sensatos, sobre a noção de que o realismo de Peirce é o de um discípulo de Escoto. A argumentação de RC só se desenvolve mediante uma ponderação minuciosa das obras de Peirce e Escoto, bem como através de um intercâmbio significativo com uma multiplicidade de teses afins formuladas por grandes intelectuais dos estudos peirceanos em atividade maioritariamente nos finais do século XX e começo do XXI. O autor assevera não apenas que Peirce era escotista, como também que este tinha mais a ver com Escoto do que o próprio semiótico reconhecia ter, uma reivindicação intrépida que RC faz por evidenciar persistentemente ao longo das páginas de *SR*.

Face a possíveis críticas à sua aproximação temática a Peirce, previsivelmente justificadas com base no pressuposto de que ele foi mudando de ideias de forma incessante com o passar dos anos, RC advoga que a evolução do pensamento de Peirce comporta um eixo de aperfeiçoamento de uma mesma e ininterrupta indagação filosófica que se estende desde a década de 1860 até à de 1910, imprimindo coesão às diferentes estadias do seu devir filosófico, viabilizando portanto que o *corpus* de Peirce sofra — sem prejuízo para as investigações abrangidas sob o código da historicidade — uma interpretação sincrónica.

Da leitura de *SR*, fica-nos apenas uma nota negativa. Muito embora a aposta em Escoto se justifique e apresente uma elevada acuidade, é preciso reparar que a *doctrina signorum* de Peirce se reveste de sumo fulcro no entendimento de RC sobre a filosofia peirceana. Daí decorre que o papel do Curso Jesuíta Conimbricense na vitalização do realismo escolástico de Peirce mereceria ter sido reconhecido. Ao fim e ao cabo, o desenvolvimento da semiótica geral do último teve na sua origem o convívio deste com aquele monumento da filosofia coimbrã.

Robert Junqueira

Instituto de Estudos Filosóficos

Email: martinsjunqueira@uc.pt

ORCID: 0000-0003-1944-654X

DOI: https://doi.org/10.14195/0872-0851_64_20

